

## O tomismo de Jacques Maritain

### The thomism of Jacques Maritain

*Ivanaldo Santos<sup>1</sup>*

*Abstract:* The aim of the study is to present and reflect on the Thomism developed by Jacques Maritain. For Maritain, Thomas Aquinas, and therefore, Thomism is not a thought stuck in the Middle Ages. On the contrary, he sees Thomism as a method of analyzing and interpreting the problems, dilemmas, and anguish of the contemporary world. Based on this method he was able to demonstrate that Aquinas's thought is not merely a speculation of medieval content, but is a space for understanding and going beyond the dilemmas of modern philosophy, Nazi-fascist and socialist authoritarianism, and the illusions of purely mercantile capitalism. For this reason, Thomism is a sure way to restore the dignity of the human person as the center of technical, scientific and social debates.

*Keywords:* Maritain. Interpretation. Thomas Aquinas. Thomism.

*Resumo:* O objetivo do estudo é apresentar e refletir sobre o tomismo desenvolvido por Jacques Maritain. Para Maritain, Tomás de Aquino e, por conseguinte, o tomismo não é um pensamento preso a Idade Média. Pelo contrário, ele vê o tomismo como um método de análise e interpretação dos problemas, dilemas e angústias do mundo contemporâneo. Baseado nesse método ele conseguiu demonstrar que o pensamento do Aquinate não é uma mera especulação de conteúdo medieval, mas é um espaço para se compreender e ir além dos dilemas da filosofia moderna, dos autoritarismos nazifascista e socialista, das ilusões de um capitalismo puramente mercantil. Por isso, o tomismo é um caminho seguro para se recolocar a dignidade da pessoa humana como centro dos debates técnicas, científicos e sociais.

*Palavras-chave:* Maritain. Interpretação. Tomás de Aquino. Tomismo.

## Introdução

O presente estudo é parte integrante do Estágio Pós-Doutoral realizado no UNIVEM, cujo título é *Linguagem e direito em Jacques Maritain: um caminho para a reconstrução dos direitos humanos*. O referido estágio é realizado com bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES). Ele tem por objetivo apresentar e refletir sobre o tomismo desenvolvido por Jacques Maritain. Para alcançar o objetivo o estudo foi dividido em duas partes, sendo elas: a) O itinerário de

---

<sup>1</sup> Filósofo, doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizou estágio pós-doutoral em estudos da linguagem na Universidade de São Paulo (USP) e estágio pós-doutoral em linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br).

Jacques Maritain a procura da verdade; b) Maritain: ler e interpretar Tomás de Aquino. Por fim, afirma-se que para Maritain, Tomás de Aquino e, por conseguinte, o tomismo, não é um pensamento preso a Idade Média. Pelo contrário, ele vê o tomismo como um método de análise e interpretação dos problemas, dilemas e angústias do mundo contemporâneo. Baseado nesse método ele conseguiu demonstrar que o pensamento do Aquinate não é uma mera especulação de conteúdo medieval, mas é um espaço para se compreender e ir além dos dilemas da filosofia moderna, dos autoritarismos nazifascista e socialista, das ilusões de um capitalismo puramente mercantil. Por isso, o tomismo é um caminho seguro para se recolocar a dignidade da pessoa humana como centro dos debates técnicos, científicos e sociais.

O “grande filósofo tomista francês, Jacques Maritain (1882-1973)” (CORREA, 2012, p. 4, tradução nossa) foi um dos *convertidos do século XX* (cf. LELOTTE, 1967). Ele participou diretamente de alguns dos mais relevantes momentos do século XX. Entre esses momentos é possível citar, por exemplo, a realização do Concílio Vaticano II, o debate em torno da dignidade da pessoa humana, os esforços e os debates que culminaram na promulgação, em 1948, da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDU)<sup>2</sup> e na restauração do tomismo e, com isso, ajudando a configurar o *neotomismo*.

Na perspectiva dos estudos maritianos, entende-se *neotomismo* como:

O termo *Neotomismo* significa o ressurgimento da filosofia de Tomás de Aquino. Não se trata de mera ressurreição do antigo, pois as intenções e tarefas propostas por neotomistas denotam muito maior alcance. Trata-se de um verdadeiro retorno às fontes, retomando a corrente tradicional, quase desfeita na época do Iluminismo, tarefa essa empreendida primeiro na Itália por Vicente Buzzetti (1777-1824). Contudo, convém ressaltar que, neste primeiro

---

<sup>2</sup> Sobre a participação direta de Maritain na elaboração da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, ressalta-se: “A influência de Maritain foi notável. Um dos termos que a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* adotou por sua influência é ‘pessoa’. Nos rascunhos, apareceu ‘individual’, ‘ser humano’, ‘homem’, mas o filósofo manteve em suas obras que o indivíduo não é igual à pessoa. O termo ‘pessoa’ aparece vinte e oito vezes na proclamação, o preâmbulo e os trinta artigos da *Declaração*; o termo ‘personalidade’, em três ocasiões” (GENTILE, 2010, p. 17, tradução nossa). Mas sua concepção da lei natural, da qual emergiu a dignidade radical do homem, seus direitos inalienáveis e as obrigações do Estado para sua proteção, moldou não apenas o conteúdo principal da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, mas o espírito expositivo e até mesmo a sua estrutura. Além disso, Maritain apoiou a “*Declaração Universal dos Direitos Humanos* com o argumento de que, mesmo com fundamentações teóricas diversas, poderia haver um consenso prático sobre normas dos DH [Direitos Humanos]. A *Declaração Universal* não era um documento anticatólico e continha elementos que permitiam reconhecer uma influência da doutrina social católica. Podemos ver isso na defesa da *dignidade* e no *valor da pessoa humana*” (POZZOLI, 2002, p. 126).

momento do Neotomismo, se fizeram sentir algumas ideias ainda da Escolástica do século XVIII influenciada pelo racionalismo. (QUEIROZ, 2011, p. 1).

Sobre a relação direta entre Maritain e o neotomismo, o Papa João Paulo II esclarece:

Por uma “iluminação da razão” suscitou no jovem Maritain uma adesão tão profunda ao pensamento de Santo Tomás que, por um movimento espontâneo do seu espírito, chegou a ser um dos principais artesãos do “renascimento tomista” que o Magistério da Igreja, com Leão XIII, havia desejado e promovido em resposta as principais demandas da cultura moderna e para se opor ao divórcio “contrário a natureza” entre a razão e a fé (Encíclica *Aeterni Patris*, 1879). Essa vocação, apesar de todas as fadigas, incompreensões e oposições, permaneceria fiel até o dia de sua morte. (JOÃO PAULO II, 1982, p. 2).

Jacques Maritain está ao lado de grandes humanistas cristãos, como, por exemplo, Pierre Teilhard de Chardin e Jean Guiton. No Brasil, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, é um nome que deve ser lembrado como companheiro de Maritain no humanismo cristão. Além disso, ele é um dos responsáveis pelo renascimento tomista no século XX. Seu nome consta ao lado de grandes tomistas desse século, tais como: Étienne Gilson, Cornelio Fabro, Anthony Kenny, Battista Mondin, Józef Maria Bocheński, Karol Józef Wojtyła – o Papa João Paulo II –, Edith Stein, Josef Pieper, Cardeal Mercier, Peter Thomas Geach e Frederick D. Wilhelmsen. Ele fez parte, de forma efetiva, de proeminentes Círculos de Estudos Tomistas. Entre os membros desses círculos de estudos constavam novos como: Olivier Lacombe, Carlos Du Bos, Meudon, Príncipe Ghika, Padre Garrigou Lagrange, Monsenhor Marietan. Eram círculos que tinham por objetivo a “[...] necessidade de examinar com mais precisão, entre as discussões livres, a doutrina de Santo Tomás, e enfrentá-lo com os problemas do nosso tempo. [...] A unidade surgiu de um profundo amor, de um maior ou menor interesse pelo pensamento tomista” (MARITAIN, 2004, p. 1-2, tradução nossa). Estes círculos de estudos estavam presentes, de forma mais forte, na França, mas, de forma mais difusa, se “espalharam no exterior, especialmente na Inglaterra, sob a presidência de Richard O'Sullivan, na Suíça, na Bélgica” (MARITAIN, 2004, p. 17, tradução nossa).

Vale salientar que o chamado *renascimento tomista* não ficou circunscrito apenas a Europa e aos EUA. Pelo contrário, esse renascimento se espalhou pelo mundo, chegando até a América Latina. “A revolução tomista na América Latina, da mesma forma que a solução cristã para os problemas sociais do Novo

Mundo, devem a Jacques Maritain, mas que a nenhum outro pensador moderno, a vitalidade do seu impulso atual” (MARTÍNEZ PAZ, 1966, p. 25, tradução nossa).

Maritain foi um dos “grandes precursores do Concílio Vaticano II” (CHENAUX, 2001, p. 1, tradução nossa). Ele fez parte da “geração neotomista que, juntamente com Joseph Maréchal, Karl Rahner e Bernard Lonergan, influenciou os trabalhos e decisões promulgadas pelo Concílio Vaticano II” (CORREA, 2009, p. 2, tradução nossa). Se existe uma forte presença das ideias de Tomás de Aquino nos bastidores, nos subterrâneos diplomáticos e políticos, (cf. SANTOS, 2016a) e principalmente na aplicação do concílio (cf. SANTOS, 2017), parte dessa presença se deve ao intenso trabalho desenvolvido por Maritain.

Na sessão de encerramento do Concílio Vaticano II o Papa Paulo VI fez um agradecimento especial aos esforços de Maritain em prol dos trabalhos desenvolvidos pelos padres conciliares. Nas palavras do papa a “Igreja está reconhecida pelo trabalho de toda a sua vasta vida” (PAULO VI, 1965, p. 2). A partir das ideias desenvolvidas por Maritain os padres conciliares tiveram condições de formular uma nova proposta para o humanismo cristão. Um humanismo que “muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem” (PAULO VI, 1965, p. 2) em contraposição aos “humanistas do nosso tempo, que negais as verdades transcendentais” (PAULO VI, 1965, p. 1).

Maritain ajudou a refletir e até mesmo a redefinir o papel da Igreja na sociedade moderna. Principalmente com os angustiantes acontecimentos da primeira metade do século XX. Acontecimentos que incluem, dentre outros, a Primeira Guerra Mundial, a crise econômica de 1929, que afetou grande parte do mundo capitalista, a emergência, na década de 1930, do totalitarismo nazifascista, a Segunda Guerra Mundial, a criação da Organização das Nações Unidas e a luta para garantir a paz social sem, no entanto, cair nos extremos representados pelos regimes totalitários (nazi-fascismo e socialismo) e o capitalismo selvagem. Para ele, na sociedade contemporânea, a missão da Igreja consiste:

No que diz respeito à própria Igreja, não é ela propósito de desvelar as questões diretamente temporárias, entre o fluxo e refluxo de atividades políticas. De outra ordem são as energias colocadas sob sua custódia, energias mais ocultas, mas muito mais poderosas. Seu dever é vigiar a justiça e o amor e a revelação cristã. Injetado nas entranhas da história, estas energias operam constantemente, e com uma medida de duração muito diferente daquelas presentes no tempo. Estas observações implicam que aos olhos das relações católicas da Igreja com o mundo não são simples, mas

cheias de mistério. Nós perderíamos o tempo se quiséssemos procurar um equilíbrio estático definido entre ambas, para satisfazer a imaginação geométrica ou as aspirações dos autores de livros didáticos. A relação com a qual estamos lidando é um relacionamento dinâmico, entre as forças concertantes, cuja penetração é antinômica e instável harmonia, até a resolução final quando o tempo acabar. (MARITAIN, 2001a, p. 5, tradução nossa).

Todavia, Maritain não vê o tomismo como uma escola filosófica estática, presa a Idade Média. Pelo contrário, para ele o tomismo é um organismo doutrinário, fundamentado em princípios verdadeiros, o qual – por sua própria natureza de pensar aberto e progressivo, de organismo espiritual, em constante progresso – está disposto a acolher e a assimilar as verdades parciais contidas em outros sistemas filosóficos. Qual organismo espiritual, em constante desenvolvimento, progride desta forma, não apenas à medida que assimila as verdades novas e as integra, organicamente, em seu campo doutrinário, mas ainda enquanto faz paulatinamente vir à luz as *energias escondidas* e as *verdades acumuladas*. Nessa leitura, o tomismo progride contribuindo, ao mesmo tempo, para o progresso da própria filosofia, à proporção que realiza, em si mesmo, esta filosofia virtual, que se torna, de imediato, visível e capaz de vestir-se de fórmulas novas, de se formar e se dispor num todo orgânico. Assim entendido, qual pensamento revigorado e renovado, qual pensar não totalmente acabado que, inserido no contexto da filosofia moderna e contemporânea, se enriquece continuamente com as contribuições deste pensar, à medida que progride através de um crescimento orgânico, a reflexão de Maritain se estende a todos os campos do saber filosófico, à proporção que repensa os problemas fundamentais do tomismo tradicional e os coloca em confronto com as diferentes formas do moderno filosofar. (cf. CAMPOS, 1989, p. 95).

Auxiliado pela companheira de parte substancial da sua vida, a sua esposa, ou seja, a poeta e ensaísta Raissa Maritain, Jacques Maritain desenvolve uma sofisticada releitura da obra de Tomás de Aquino. Uma releitura que, entre outros fatores, teve como consequência que a obra do Aquinate voltasse a ser lida com entusiasmo e até mesmo se tornasse popular em alguns ambientes de intelectuais, como, por exemplo, em círculos de discussões no campo do direito, da arte, da filosofia, da pedagogia e da psicologia.

A releitura de Tomás de Aquino conduziu Maritain a desenvolver uma reflexão filosófica que, de um lado, “fundado na teoria tomista, tenta resgatar o conceito e importância da dignidade do ser humano e sua liberdade, devendo os dois princípios coexistirem” (GUIMARÃES; ABDULMASSIH, 2018, p. 90) e, do outro lado, conduzi-o a examinar, a partir do pensamento do Aquinate, se é “possível reconhecer a filosofia como a sua base no arrimo da natureza humana pela própria condição da dignidade humana, pois ligava a um fim fora do

contexto de si próprio, a lei suprema de Deus” (POZZOLI; LACERDA, 2017, p. 93).

Por todas as questões e argumentos que foram levantados anteriormente faz-se necessário conhecer, mesmo que parcialmente, o tomismo desenvolvido por Jacques Maritain. Por causa disso, o presente estudo foi dividido em duas partes. Na primeira é apresentado o itinerário biográfico e teórico que conduziram o jovem Maritain a buscar a verdade e, por conseguinte, o seu encontro com Tomás de Aquino. Na segunda é apresentada, a partir da própria obra de Maritain, as discussões e proposições desenvolvidas por Maritain para repensar e reler a obra do Aquinate.

## 2. O itinerário de Jacques Maritain a procura da verdade

Na perspectiva da filosofia contemporânea ou, mais precisamente, de uma crítica radical e niilista existente dentro do pensamento contemporâneo, pode-se afirmar que Jacques Maritain se aproxima radicalmente do que Bertrand Russell, em sua crítica à Tomás de Aquino – “no capítulo dedicado a S. Tomás, ou, até melhor, no capítulo contra S. Tomás” (DELGADO, 2005, p. 56) – entende por trata-se do “apelo à razão é, em certo sentido, insincero, já que a conclusão a que se há de chegar está fixada de antemão” (RUSSELL, 1977, p. 182). Para Russell um pensador como Maritain, alguém que adere a fé religiosa, não realiza uma busca sincera pela verdade, mas já parte, de antemão, de conclusões preestabelecidas. Não se trata de discutir os preconceitos filosóficos contemporâneos em torno da fé e da vida mística e, por conseguinte, como a fé religiosa pode ajudar no desenvolvimento no campo das ideias<sup>3</sup>, mas de enfatizar que, não apenas no caso de Maritain, a afirmação de Russell parece ser, muitas vezes, apresada e carregada com a visão limitada, em torno dos temas religiosos,

---

<sup>3</sup> Apesar do presente estudo não se tratar de uma discussão sobre os preconceitos filosóficos contemporâneos em torno da fé e da vida mística e, por conseguinte, como é possível a fé religiosa ajudar no desenvolvimento das ideias, afirma-se: “No entanto, menos do que sublinhar aqui a mediocridade, também nesse ponto, de Bertrand Russell, importa verificar que aquela suspeita contra os filósofos católicos é, lamentavelmente, a posição comum da filosofia contemporânea. É evidente que é essa mesma suspeita, ainda que não formulada tão explicitamente como foi pelo conhecido pensador inglês, que leva muito dos recenseadores da filosofia contemporânea a simplesmente ignorarem a existência do movimento tomista, que foi, no entanto, uma das mais importantes correntes filosóficas do século XX. [...]. Tãmanha suspeita, com a consequente omissão do tomismo, é gritantemente injusta, é o resultado de uma incompreensão, ou de uma cegueira brutal. Por que querem ver a adesão à fé por parte dos pensadores cristãos, como um ponto de partida, e nunca como um ponto de chegada? Por que a fé, para essa mentalidade, só pode ser um *começo*, revelação do alto, graça recebida literalmente de graça, a partir da qual o pretensio *filósofo* católico trabalharia? Pior ainda, por que somente podem tomar a adesão à Igreja e a fidelidade ao Papa como um *início*, todo o trabalho do *filósofo* católico somente se podendo explicar a partir daí, e nunca como o *resultado* de sua pesquisa, o termo, o ponto de chegada de sua inquietação, igual, absolutamente igual, enquanto inquietação, à de todo outro filósofo verdadeiro?” (DELGADO, 2005, p. 57-58).

contida no século XX. Uma análise das ideias de Maritain e de outros pensadores cristãos demonstra a visão limitada de Russell.

Do ponto de vista biográfico, Jacques Maritain não era de família católica, não nasceu cristão, não aderiu à Igreja por tradição familiar. Por isso, não havia razão para que aderisse ao dogma religioso católico. Sua adesão à Igreja e, por conseguinte, ao tomismo é simplesmente o resultado de uma busca pessoal, de uma investigação própria, de uma inquietação – certa ou errada, é outro problema, mas legítima – tão honesta, tão desinteressada quanto qualquer outra, nenhuma podendo arrogar a pretensão de haver sido uma busca mais pura ou mais sincera ou mais íntegra do que a de Maritain.

É interessante notar a descrição da angústia, no *Jardin des Plantes*, em Paris, de dois jovens universitários, o casal Jacques e Raissa Maritain, desconsolados diante do panorama de desalento e ceticismo da filosofia moderna que reinava na Sorbonne, atualmente Universidade de Paris:

Acabávamos de dar um balanço em tudo o que nos tinham trazido nossos dois ou três anos de estudos na Sorbonne. Inegavelmente uma bagagem bem razoável de conhecimentos particulares, científicos e filosóficos. Mas esses conhecimentos estavam minados na base pelo relativismo dos sábios, pelo ceticismo dos filósofos. (MARITAIN, 1970, p. 61).

O desfecho da constatação dos jovens Jacques e Raissa é algo que beira o desespero:

Chegamos à seguinte conclusão: se a nossa natureza era tão infeliz que não chegava a possuir senão uma pseudo-inteligência, capaz de tudo menos da verdade, se quando se julgava a si mesma devia humilhar-se até esse ponto, não podíamos nem pensar nem agir dignamente. Tudo se tornava então para nós absurdo e inaceitável – e nem ao menos sabíamos o que, em nós, se recusava assim a aceitar. Não podemos viver de acordo com preconceitos, bons ou maus, temos necessidade de pesar-lhes a justiça e o valor –, mas qual a medida? Qual a medida de todas as coisas? Quero saber se ser é um acidente, um benefício ou uma desgraça, desprezo a resignação e a renúncia da inteligência, de que temos tantos exemplos em torno de nós. (MARITAIN, 1970, p. 62).

Diante do quadro de niilismo e da crítica mordaz reinante na Sorbonne, o que deu um ar de tragédia aos jovens Jacques e Raissa Maritain foi o fato de “nosso desespero real um desespero ainda condicional”, foi o sofrimento, a angústia decorrente da “presença de um elemento irreduzível ao absurdo a que tudo nos queria levar” (MARITAIN, 1970, p. 62). Eles consideravam “não ser possível viver humanamente” se fosse preciso “renunciar a achar um sentido qualquer para a palavra verdade, para a distinção entre o bem e o mal”, e que “esta vida que não escolhi, também não a quero viver nas trevas” (MARITAIN, 1970, p. 63). Por isso, fizeram então uma resolução solene com o desfecho de um compromisso trágico: a resolução de “olhar de frente, e até às últimas consequências, os dados do universo infeliz e cruel, que tinha como única luz a filosofia do ceticismo e do relativismo” (MARITAIN, 1970, p. 63). A resolução de colocar em prática o seguinte compromisso:

[...] se essa experiência não desse certo, a solução seria o suicídio – o suicídio antes que se tivesse acumulado a poeira dos anos, antes que as nossas forças frescas ficassem gastas. Queríamos morrer por um ato livre de recusa, já que era impossível viver conforme à verdade. (MARITAIN, 1970, p. 64).

O caminho em busca da verdade, que beirou o suicídio, da forma como é descrito por Raissa Maritain, não foi fácil. Assim como também não foi fácil o encontro com aquele pensador que, de certa forma, representa o lado mais vivo da verdade, ou seja, Tomás de Aquino. Houve todo um caminho a ser percorrido até o casal Jacques e Raissa Maritain afirmarem, de forma pública e consciente, que atingiram a verdade. Esse caminho passa, num primeiro plano, com as aulas de Henri Bergson<sup>4</sup>, o deslumbramento com o professor que representava uma luz diante do positivismo, do niilismo e da ferrenha crítica a metafísica reinantes na Sorbonne. Maritain foi tido, durante esses anos iniciais de sua carreira intelectual, como o primeiro dos discípulos de Bergson – tanto que seu livro de estreia iria ser justamente a afirmação de sua ruptura com o bergsonismo. Num segundo plano, entra em cena a figura do escritor e ensaísta Léon Bloy, o autor da famosa frase: *Não há senão uma única tristeza: a de não ser santo*. Depois desses dois momentos, representados por Bergson e Bloy, Jacques Maritain encontrará a obra do seu grande mestre intelectual, isto é, Tomás de Aquino.

---

<sup>4</sup> Sobre o fato do casal Jacques e Raissa Maritain ter frequentado as aulas de Bergson, afirma-se: “Juntamente com Jacques, Raissa frequentou os famosos cursos de Bergson, no *Collège de France*, em Paris. Cursos que ela descreve como de uma *linguagem musical* produzida por um pensador ainda jovem no *esplendor de sua glória nascente*” (SOUZA, 2004, p. 21).

Sobre o encontro com as ideias de Bloy e a descoberta de Tomás de Aquino existe um itinerário intenso na vida do jovem Maritain. Itinerário formado pela descoberta da fé cristã, pela vida mística, pela metafísica e pelo descobrimento da obra de Tomás de Aquino. Sobre essa questão, enfatiza-se:

A mãe de Maritain pediu a Péguy que tentasse neutralizar em seu filho a influência católica de Léon Bloy. Ela não sabia que enquanto Péguy não simpatizava com o autor de *A pobre mulher*, no entanto estava seguindo o mesmo caminho religioso que Jacques. Por isso, ele enviou Maritain ao mosteiro beneditino de Solesmes, localizada na Inglaterra, para que encontrasse com um amigo da juventude, Dom Baillet, que rezava por sua conversão. Dom Baillet ficou feliz ao saber da conversão de Péguy e que abandonara suas ideias socialistas para voltar à fé católica de sua infância. No entanto, Péguy estava escondendo sua conversão para não irritar sua esposa e evitar a separação conjugal, pois sua esposa tinha fortes ideias anticatólicas, inclusive recusou o casamento religioso e a batizar seus filhos. A conversão de sua esposa ocorreu após Péguy ter morrido lutando bravamente pela França durante a guerra de 1914. Durante a estadia de Maritain no mosteiro de Solesmes, o abade beneditino recomendou a direção espiritual do padre dominicano Humberto Clérissac (autor do famoso livro *Mistério da Igreja*), que fez uma grande amizade com ele e induziu-o a ler São Tomás de Aquino. Aquela leitura, deixou Maritain deslumbrado, fez dele um intérprete inteligente do Doutor Angélico. (CARRANZA, 2004, p. 6-7, tradução nossa).

Sobre o fato do encontro com Tomás de Aquino, especialmente com a *Suma Teológica*, representar a descoberta da verdade, algo muito almejado pelo casal Jacques e Raissa, o próprio Jacques Maritain afirma:

Eu, que tinha apaixonadamente peregrinação pelas doutrinas dos filósofos modernos, sem encontrar nada, mas decepção e grande incerteza, ao ler a *Summa Theologica* de Santo Tomás recebi uma espécie de iluminação da razão. Então eu encontrei minha vocação filosófica completamente. “Infeliz de mim se eu não me compromettesse” - escrevi em um dos meus primeiros livros -; e depois de trinta anos de trabalho e combates eu sempre

trilhei o mesmo caminho filosófico. (MARITAIN, 2000a, p. 14, tradução nossa).

No entanto, a adesão de Jacques Maritain ao tomismo se dá, em grande medida, por dois motivos essenciais. De um lado, é uma forma de se aprofundar, até mesmo de modo radical, na dimensão do real, do cotidiano, da vida concreta. Uma dimensão que o jovem Maritain aprendeu com seus professores na Sorbonne. Do outro lado, aderir a Tomás de Aquino é uma das formas mais vivas e autênticas de fazer a ligação, a ponte, entre a fé – para um jovem recém convertido – e a razão, entre a dimensão mística e a ciência. Sobre os motivos que conduziram Maritain a aderir a Tomás de Aquino, afirma-se:

Fé, portanto, não significava, para o jovem filósofo de formação positivista, que Maritain estava diante de um obstáculo à sua vocação filosófica. E não porque o cristianismo ou a Igreja, a que aderiu, o teria imposto para estender sua conversão a um sistema filosófico determinado. Ele poderia escolher outro, elaborar um original ou abandoná-los. Maritain, no entanto, escolheu o tomismo porque lhe parecia aquele que melhor satisfaz um requisito de dupla fidelidade: a fidelidade ao seu gosto pelo real, adquirido junto com seus mestres da Sorbonne, Levy-Bruhl e Bergson, e que encontra plena satisfação na filosofia de Tomás de Aquino, e a fidelidade à nova luz que lhe foi dada de cima, que ele aprendeu discernir junto com a fé robusta de Léon Bloy - um inimigo da filosofia! - que encontra uma poderosa sistematização científica e um assento sólido racional na síntese tomista. (POISSON, 1962, p. 4, tradução nossa).

Para Maritain, Tomás de Aquino não representa uma espécie de *filosofia de museu*, ou seja, um pensamento preso a Idade Média e a antigos mitos. Pelo contrário, o Aquinate representa a mais radical e bem-sucedida experiência de democracia dentro da filosofia, pois ele, além de realizar uma profunda busca pela verdade, coloca a verdade acessível a todos os indivíduos, povos e culturas. Nas palavras de Maritain:

Gostaria de salientar que a filosofia tomista não é uma filosofia da escola e do museu, mas uma filosofia ao ar livre, na qual a experiência concreta e constantemente renovada desempenha um papel importante. É uma filosofia que se alimenta da herança de uma tradição muito longa, mas é capaz de penetrar nos problemas do tempo e, avançando

para novas coisas com uma ousadia calma, ambições de poder dar a todos a Verdade. (MARITAIN, 1963, p. 13, tradução nossa).

Após a conversão ao cristianismo e, por conseguinte, com o contato com a obra do Aquinate, o casal Jacques e Raissa Maritain passaram a ter Tomás de Aquino não apenas como um pensador, com ideias fundamentais para a humanidade, mas um mestre espiritual da Igreja e uma sólida ponte entre o mundo antigo-medieval e a modernidade. O casal passou a ver a figura de Tomás de Aquino como um amigo íntimo, uma espécie de conselheiro, de parceiro no campo das ideias e das artes. Quem melhor esclarece essa questão é a própria Raissa Maritain:

Ficamos, pois, presos a Santo Tomás de Aquino como a um amigo verdadeiro, por simpatia, por admiração. E é bem certo que não é possível conhecê-lo sem amá-lo e é profundamente lastimável que seja ignorado na sua vida de santo mais ainda do que na sua obra monumental. No deslumbramento da luz que lhe irradia da inteligência e da doutrina acabaram por se esquecer – há seis séculos! – da grandeza da sua caridade, da doçura e da humildade do seu coração. E ninguém se preocupou mais em recolher-lhe as *fioretti*. (MARITAIN, 1970, p. 169).

A conversão religiosa conduziu Maritain a adotar uma visão clássica, tradicional e, até certo ponto, medieval do que é e qual a missão da Igreja. Em suas palavras, a Igreja:

No entanto, para conhecer melhor o que diz respeito à Igreja Católica, e acreditando que se trata da verdadeira Igreja de Cristo [...]. Dê a si mesmo nota a este respeito que a irrupção do Evangelho na história humana não simplificou os assuntos dos homens; mas acelerou o movimento da história e deu-lhe um endereço. Por outro lado, a Igreja, segundo o conceito católico, é uma verdadeira cidade de origem divina; o reino de Deus em estado de trânsito; uma sociedade perfeita organizada de acordo com suas próprias leis e sua própria hierarquia, e aquele que (ao contrário da outra "sociedade completa" que é a sociedade civil) a autoridade procede de cima para baixo, para ensinar as almas e direcioná-las a sua salvação Esta cidade universal é difundida entre as nações e cidades

terrestres, cuja natureza e diversidade respeitam. (MARITAIN, 2001a, p. 4, tradução nossa).

A partir da sua conversão ao cristianismo, Maritain tornou-se professor, num primeiro momento, no Instituto Católico de Paris, e, num segundo momento, teve uma intensa carreira de intelectual católico que, entre outros fatores, constam o exercício de professor nos EUA e como embaixador da França junto a Santa Sé. Nesse longo período de exercício docente e de intelectual ele compôs sua vasta obra. Uma obra profundamente influenciada e atravessada pelo tomismo. Sobre essa questão, ressalta-se;

Convertido ao tomismo pelos dominicanos de Paris, tornou-se professor de filosofia no Instituto Católico [de Paris] até 1939. Nessas duas décadas, a preocupação de Maritain é o diálogo entre o pensamento moderno e a tradição tomista. [...]. Nas *Sete Lições sobre o Ser*, na *Introdução à Filosofia*, no célebre ensaio sobre os *Três Reformadores: Descartes, Lutero e Rousseau*, Maritain vinha pôr Santo Tomás no centro do debate ideológico do mundo moderno, não como algo estático, mas como uma filosofia dinâmica. Ele, como [Cardeal] Mercier, concebia o tomismo como um farol, não como um marco imóvel. (VILLAÇA, 1980, p. 2).

No famoso discurso que Maritain realiza, ao tomar posse, em 1945, no cargo de embaixador da França, junto ao Vaticano, se declara *seguidor* e um *atualizador* da obra de Tomás de Aquino. Esse discurso funciona, ao mesmo tempo, como síntese das ideias de Maritain e o lançamento do seu ambicioso projeto ético da defesa da dignidade da pessoa humana. Um projeto que teve como ápice a promulgação, em 1948, da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Em suas palavras:

Para representar a França diante de vossa Santidade [o Papa], hoje em dia, em que o mundo emerge dolorosamente da mais atroz das guerras [a Segunda Guerra Mundial], o governo francês escolheu um filósofo que dedicou sua longa vida à defesa, diante das mentes contemporâneas, do pensamento do Doutor Comum da Igreja [Santo Tomás de Aquino] e em uma busca de sua aplicação viva em várias áreas. Este filósofo católico, em virtude de sua missão, não só representará a França católica diante do Soberano Pontífice, mas para a França em sua totalidade, com as divergências internas que vêm do passado e que estão

reunidos em sua comunhão nacional. (MARITAIN, 2001b, p. 3, tradução nossa).

Tendo por base as ideias de Tomás de Aquino, Maritain desenvolveu, ao longo de sua obra, uma rara reflexão que aborda grande parte dos problemas clássicos e contemporâneos da filosofia. Sempre fundamentado pela “filosofia medieval e particularmente à filosofia de Santo Tomás de Aquino” (MARITAIN, 2000b, p. 5). Dentro dos problemas clássicos podem ser citados, por exemplo, os problemas lógicos e epistemológicos, a filosofia da natureza e principalmente a metafísica. Dentro dos problemas contemporâneos é possível citar: a ética, as preocupações com a relação, nem sempre harmoniosa, entre o Estado e a pessoa humana, e uma filosofia aplicada a arte (filosofia da arte), a história (filosofia da história) e a educação (filosofia da educação).

O livro central da obra de Maritain e um dos livros mais importantes do século XX, ou seja, o *Humanismo integral*<sup>5</sup>, também conhecido como “humanismo da Encarnação” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 4)<sup>6</sup>, traz uma inovadora tese sobre

---

<sup>5</sup> Sobre o *Humanismo integral* de Maritain, afirma-se: “Seu livro de 1936, *O Humanismo Integral*, foi um divisor de águas. Antes e depois ... Era o texto de um curso que ele deu na Universidade de Santander, pouco antes da Revolução Espanhola. Esse livro representava o ápice da sua evolução no sentido do social. [...]. 1936 foi a decisiva e intensa fase do Humanismo Integral, dos problemas temporais, das discussões políticas, da oposição ao franquismo, ao fascismo, do antissemitismo, numa reafirmação de fidelidade ao humano, que a II Guerra viria acentuar de forma patética. Exilado em Nova York, onde a invasão da França o surpreendeu, vive a fase dramática de livros como *Pela Justiça*, *Os Direitos do Homem* e a *Lei Natural*, que é o seu testemunho de homem livre em face da ignomínia nazista” (VILLAÇA, 1980, p. 2). Além disso, enfatiza-se que “nessa obra, ele defendera que só uma explícita marca cristã poderia dar valor à emancipação das massas populares, das quais, a seu ver, se substanciava a moderna democracia europeia, superando os fracassos opostos do individualismo liberal e do totalitarismo fascista ou comunista. Alinhado com o magistério eclesiástico, Maritain havia identificado nos direitos da pessoa, entendida como criatura transcendente e, por isso, sujeita, em primeira instância, à autoridade religiosa, o núcleo fundamental das liberdades que preexistem ao Estado e que de modo algum ele pode violar. Sem dúvida, a dimensão religiosa da democracia devia ser mediada pela ação política do laicado católico, mas a primeira continuava sendo, a seu ver, o fundamento último e imprescindível de uma realidade estatal bem-ordenada” (RIZZI, 2012, p. 1-2). Para uma discussão mais aprofundada sobre o *Humanismo integral*, recomenda-se consultar: Santos (2016b, 2016b), Santos e Pozzoli (2017).

<sup>6</sup> Sobre o fato do humanismo de Maritain ser conhecido como *humanismo da Encarnação*, o próprio Maritain esclarece que no momento novo da cultura cristã, na era da nova cristandade a ser implantada no mundo, “não seria a criatura nem desconhecida, nem aniquilada diante de Deus, e não seria, tão pouco, reabilitada, sem Deus ou contra Deus. Seria reabilitada, em Deus”. A nova história da humanidade será uma era “verdadeiramente respeitada, em sua ligação com Deus e, por causa de sua dependência, em relação a Ele”. Por isso, o ser humano será, por conseguinte, visto na perspectiva de um “humanismo teocêntrico, enraizado lá onde o homem tem suas raízes, humanismo integral, humanismo da Encarnação” (MARITAIN, 1962, p. 58).

o papel e a renovadora missão do humanismo cristão – visto como um meio ético e uma eficiente terceira via entre os extremos representados pelo liberalismo e socialismo; entre o capitalismo democrático e o totalitarismo autoritário – na sociedade contemporânea. A tese do “humanismo integral é o centro da obra de Maritain; uma teoria de base tomista” (CAMPOS, 1989, p. 117). Trata-se, pois, de um humanismo centrado no “tomismo especulativo de Maritain e, por sua vez, por seu humanismo cristão integral” (CORREA, 2009, p. 2, tradução nossa).

### 3. Maritain: ler e interpretar Tomás de Aquino

Em grande medida, a obra de Jacques Maritain é atravessada pela leitura e interpretação das ideias desenvolvidas por Tomás de Aquino. A intensão do presente estudo não é apresentar, com a riqueza de detalhes, essa interpretação. No entanto, será apresentada uma síntese das reflexões que o próprio Maritain desenvolveu em torno do pensamento do Aquinate. Reflexões que seguem, do ponto de vista cronológico, o amadurecimento e a produção dos livros e artigos escritos por Maritain.

Em *Elementos de filosofia*, Maritain escreve uma síntese histórica e, ao mesmo tempo, uma apresentação geral das principais escolas e autores da filosofia. É interessante observar que, nesse manual de introdução à filosofia, o próprio Maritain afirma que “nossa finalidade foi expor fielmente a doutrina de Aristóteles e de Santo Tomás, e julgar à sua luz as grandes teorias que se sucederam de três séculos [do século XVIII ao XX] para cá e os principais problemas ventilados pela Filosofia moderna” (MARITAIN, 1956, p. 7), ou seja, o manual apresenta, de forma sintética, a história da filosofia a partir do prisma e as teses desenvolvidas pelo sistema aristotélico-tomista.

Segundo Maritain a escolha do sistema aristotélico-tomista para servir de base analítica e interpretativa da história da filosofia, se deu pelo seguinte motivo:

A escola de Aristóteles e de Santo Tomás ensina que a verdade não é impossível nem fácil, mas difícil de ser atingida pelo homem. Ela se opõe assim radicalmente ao cepticismo e ao racionalismo [correntes de pensamento que Maritain conheceu bem na juventude e que vai rejeitar após sua conversão ao cristianismo]. Vê, na abundância dos erros formulados pelos homens e em particular pelos filósofos, um sinal da debilidade de nosso espírito, mas um motivo, para amar ainda mais a inteligência e para apegar-se com mais rigor à verdade, e até um meio de fazer progredir o conhecimento (pelas refutações e elucidaciones que tais erros exigem de nós). (MARITAIN, 1956, p. 109).

Na conferência que Maritain proferiu em Avignon, na França, em 1923, é debatido o tema do mal na sociedade moderna. Em grande medida, ele antecede, ao menos em 10 anos, a ascensão do nazismo e do totalitarismo. Maritain vê, com preocupação, que na segunda década do século XX havia uma decadência da inteligência e da ética na Europa. Essa decadência traria – como de fato trouxe – sérios problemas éticos e humanísticos para os povos europeus. Em suas palavras:

O mal sofrido pelos tempos modernos é, antes de tudo, um mal da inteligência; iniciado pela inteligência e agora chegou a mais profunda raiz da inteligência. Por que saber se o mundo aparece como embrulhado através da escuridão? Da mesma forma que no primeiro instante do pecado se quebrou toda a harmonia do ser humano, na medida em que a ordem de a razão submetida a Deus, assim também, no começo de todos os nossos distúrbios, podemos ver, pela primeira vez e acima de tudo, uma ruptura nos padrões supremos de inteligência. (MARITAIN, 2002a, p. 1, tradução nossa).

Na conferência proferida em 1944, nos EUA, ou seja, ao final do trágico conflito que foi a Segunda Guerra Mundial, Maritain volta novamente a debater sobre o tema do mal. Nessa conferência ele defende a tese que, de um lado, o mal é o problema central da filosofia contemporânea. Se realmente a filosofia deseja investigar os dramas contemporâneos é necessário que ela se debruce, de forma eficiente, em investigar o mal. Do outro lado, ele aponta a obra de Tomás de Aquino como sendo o caminho mais seguro para se investigar, do ponto de vista metafísico, o mal. Para ele:

Se devemos tentar entender filosoficamente nosso tempo, é certo que, na verdade, precisamos explorar e aprofundar o problema do mal. Acho que os grandes filósofos, desde que Georges Sorel falou [sobre a problemática do mal], encontrarão em Tomás de Aquino os princípios gerais que tal exploração metafísica necessitará para colocar em ação [a reflexão sobre o problema do mal na sociedade contemporânea]. (MARITAIN, 2002b, p. 17, tradução nossa).

É surpreendente que, de um lado, Maritain apresenta o mal como sendo um dos grandes males da sociedade contemporânea bem antes de Hannah Arendt ter desenvolvido o conceito de *banalidade do mal*. Um conceito

fundamental para se compreender os mecanismos que geraram a Segunda Guerra Mundial e os diversos massacres e genocídios oriundos desse conflito militar. Do outro lado, ao contrário de Hannah Arendt que encontrará a fundamentação para o mal radical, oriundo do técnico-totalitarismo, em Heidegger e em Kant, Maritain encontrará essa mesma fundamentação em Tomás de Aquino. Para Maritain, o Aquinate não é um autor medieval, do século XIII, mas é um pensador contemporâneo que ajudará a decifrar o enigma do mal no mundo atual. Em suas palavras: “Apóstolo da inteligência, doutor da verdade, restaurador da ordem intelectual, Santo Tomás não escreveu para o século XIII, mas para o nosso tempo. Seu tempo é o tempo do espírito que domina os séculos. Eu mantenho a posição que ele é um autor contemporâneo, o mais atual de todos os pensadores” (MARITAIN, 2002a, p. 14, tradução nossa).

Assim como Hannah Arendt, Maritain se dedicará a refletir sobre o fenômeno do totalitarismo. Para ele:

O século XIX experimentou os erros do individualismo; e assim vimos desenvolver [no século XX], por reação, uma concepção totalitária ou exclusivamente de propriedade da comunidade. Reagir igualmente contra os erros totalitários e contra os erros individualistas, era preciso e muito natural, colocar como contrapeso à noção de pessoa humana, implicada como tal na sociedade, tanto à ideia do Estado totalitário como ideia da soberania do indivíduo. (MARITAIN, 2003, p. 3, tradução nossa).

No entanto, ao contrário de Hannah Arendt, que realiza uma extensa obra denunciando e analisando os detalhes técnicos do totalitarismo, Maritain resgata o corolário da pessoa humana e, por conseguinte, sua ligação filial com a divindade. Para ele essa ligação é de suma importância para fundamentar o respeito pela dignidade humana e combater, no campo da ética e do humanismo, o totalitarismo.

A pessoa humana é diretamente ordenada a Deus como seu fim último absoluto; e esta ordenação direta a Deus transcende tudo que estiver relacionado ao bem comum, bem comum da sociedade política e do bem comum intrínseco ao universo. Esta é a verdade fundamental sobre a qual todo o debate se baseia e em que nada menos que a mensagem da sabedoria cristã entra em jogo, em sua vitória sobre o pensamento helênico e sobre toda a sabedoria pagã, destronado para sempre. (MARITAIN, 2003, p. 4, tradução nossa).

Todavia, seguindo o itinerário do neotomismo, para Maritain a solução para a grave crise causada pela ascensão dos regimes totalitários passa pela retomada da concepção de dignidade da pessoa humana e de contemplação artística e espiritual. Essa retomada deverá ser realizada a partir de Tomás de Aquino.

Tal é a doutrina de Santo Tomás sobre o difícil problema da ação e da contemplação, um problema tão substancial da filosofia social e cuja solução é essencial para qualquer civilização digna desse nome. Para ele, com clareza incomparável, a vocação da pessoa humana é a contemplação. A doutrina do primado do ato e do ato por excelência, do ato do espírito é, portanto, uma doutrina da primazia do espiritual e, eminentemente, pessoal, sobre o que é social. (MARITAIN, 2003a, p. 9, tradução nossa).

Para Maritain é possível desenvolver, com firmeza, uma crítica ao mal oriundo do totalitarismo. Essa crítica deverá ser feita a partir de Tomás de Aquino. Isso acontece porque, simultaneamente, ele é uma fonte segura para se repensar – dentro da crítica e até mesmo da crise da metafísica vivida na primeira metade do século XX – a metafísica e se realizar uma crítica as correntes de pensamento que estavam na moda nas primeiras décadas do século XX, como, por exemplo, o materialismo, o positivismo e a concepção nihilista do conhecimento. Em suas palavras:

Que orientação terá de recorrer, para inaugurar o centro de todos esses conflitos metafísicas? ... Tomás de Aquino nos ensina a discernir na ordem intelectual certo do errado, a verdade da mentira, trabalho verdadeiramente angelical, e nos ensina para salvaguardar quantas características da verdade podem ser incluídas na diversidade de sistemas e para retificar os outros em uma síntese organizada sobre a realidade. [...]. Redescobrimo São Tomás, a natureza íntima do conhecimento e da vida da inteligência, justifica melhor do que qualquer outro pensador - contra o positivismo, mas dando como corresponde à experiência, e contra o idealismo, mas dando como corresponde à atividade imanente e construtivo do espírito -, a objetividade do conhecimento, os direitos e o valor da ciência do ser. (MARITAIN, 2002c, p. 4-5, tradução nossa).

Por causa da percepção que o pensamento do Aquinate é o firme fundamento para se realizar a necessária crítica ao mal oriundo do totalitarismo e

das correntes filosóficas dominantes nas primeiras décadas do século XX, Maritain apresenta Tomás de Aquino como sendo o pensador existencialista por excelência. Para ele:

Estou persuadido de que São Tomás de Aquino é, para usar uma palavra na moda hoje [primeira metade do século XX], o mais *existencial* dos filósofos. Porque é, por excelência, um filósofo da existência, São Tomás (o Doutor Angélico), é um pensador incomparavelmente humano, e o filósofo por excelência do humanismo cristão. Com efeito, o humano está oculto na existência. No que diz respeito às influências platônicas, a idade cristã média compreendeu que um homem não é uma ideia, ele é uma pessoa; subsiste na frente do universo e em face de Deus. O homem está no coração da existência, é aí que todas as flechas do bem e do mal vêm para machucá-lo, e onde a ação, a ação incompreensível do primeiro Ser e dos seres, toca nela e o sustenta, ou o fere, e onde ele mesmo continua no tempo seu esforço tenaz de criatura tirada do nada e feita para a felicidade. (MARITAIN, 2003b, p. 2, tradução nossa).

Ao invés de apresentar outros proeminentes pensadores da geração existencialista (Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Sartre, etc), Maritain aponta Tomás de Aquino como sendo o *mais existencial dos filósofos*. Para ele, isso acontece porque:

[...] São Tomás reconcilia inteligência e mistério no coração do ser, no coração da existência. E desse jeito, liberta nossa inteligência, ela se rende à sua natureza, tornando-a seu objeto. Mas é por isso que, ao mesmo tempo, aparece como o mais fundamentalmente humano e o mais verdadeiramente humanista dos pensadores. (MARITAIN, 2003b, p. 5, tradução nossa).

No rastro da crítica ao totalitarismo e da análise ao existencialismo, Maritain recomenda que deve haver uma retomada da educação humanística. Para ele, de um lado, só será possível uma superação do totalitarismo e, do outro lado, a valorização da *existência* e do *existente*, tal como é preconizado pelo existencialismo, se houver uma retomada da educação humanística.

É também necessário insistir na importância crucial da história da ciência com respeito à educação humanista. Na perspectiva das humanidades, a gênese da ciência na mente

humana e seu progresso, aventuras e vicissitudes no curso da história eles têm um poder mais esclarecedor do que o resultado que as ciências atingem e alteram descobertas no universo da natureza que eles nos oferecem nos diferentes períodos de seu desenvolvimento. (MARITAIN, 2006, p. 22, tradução nossa).

No entanto, sem abandonar a educação universal, pois “nunca deve se abandonar a ideia de conhecimento universal” (MARITAIN, 2006, p. 6, tradução nossa), ele propõe um modelo de educação que, de um lado, incorpore os avanços da técnica, da ciência e da urbanidade presentes na sociedade moderna e, do outro lado, resgate o humanismo representado por Tomás de Aquino. Um humanismo educacional que aborde, do ponto de vista pedagógico, a “filosofia tomista insiste na importância da educação dos sentidos (percepção e memória ao mesmo tempo) e na abordagem experimental em relação ao real - mas sob a condição de que tudo isso visa despertar os poderes intelectuais e desenvolvimento do sentido da verdade” (MARITAIN, 2006, p. 5, tradução nossa).

É importante notar que Maritain parte, na juventude, nas primeiras décadas do século XX, de um descontentamento com o positivismo e o materialismo reinante na Sorbonne, em Paris, passa pela conversão ao cristianismo e, por conseguinte, a adesão a filosofia de Tomás de Aquino. Influenciado por essa adesão, ele realiza uma sofisticada crítica ao positivismo e ao materialismo, avança num caminho de crítica ao mal representado pelo autoritarismo nazifascista e socialista, ao capitalismo liberal. Também influenciado por Tomás de Aquino, ele desenvolve uma reflexão sobre a dignidade da pessoa humana, sobre o humanismo, numa perspectiva cristã, e sobre a necessidade de uma educação humanística para corrigir os erros, angústias e crises existenciais da sociedade e do homem moderno.

#### **4. Considerações finais**

Em linhas gerais, é possível afirmar que Jacques Maritain desempenhou um papel fundamental no tomismo contemporâneo. Para ele não é necessário apenas penetrar no pensamento do Aquinate, mas é preciso esclarecer, expor a doutrina do Angélico, e, acima de tudo, prolongar sua intenção, atuar em nosso tempo, confrontá-lo com os fatos históricos para assumir suas ansiedades, para decifrar seu significado e guiar sua marcha. (cf. POISSON, 1962, p. 5, tradução nossa).

Para Maritain, Tomás de Aquino e, por conseguinte, o tomismo não é um pensamento preso a Idade Média. Pelo contrário, ele vê o tomismo como um método de análise e interpretação dos problemas, dilemas e angústias do mundo contemporâneo.

Vale salientar que num momento em que o Ocidente ainda está debatendo entre um positivismo fundamentalista da ciência e um pós-modernismo cético da razão; em um momento onde, encorajado por essa confusão, muitos caem em novos esoterismos animistas e irracionais; em um momento em que nunca foi mais forte o divórcio entre razão e fé, a lição de Maritain é muito oportuna, ou seja, tomar como base de inspiração um autor que tenha a virtude de renovar permanentemente a relação entre a filosofia e as ciências. Santo Tomás, longe de ser um conjunto de fórmulas mortas, repetidas de memória – onde um certo tomismo tem muita responsabilidade – é um rito de harmonia entre a razão e a fé que tudo o que toca transforma em ordem. Sob a orientação de Tomás de Aquino, é possível fazer a física atômica, a metafísica da criação, a teologia da trindade, tudo sob um mesmo teto. (cf. ZANOTTI, 2012, p. 127, tradução nossa).

Por fim, afirma-se que Jacques Maritain é um dos pensadores, alinhados com a doutrina da Igreja, que mais conseguiu realizar a proposta, formulada por Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, de releitura e reatualização da obra de Tomás de Aquino. Ao longo do século XX, ele conseguiu demonstrar que o pensamento do Aquinate não é uma mera especulação de conteúdo medieval, mas é um espaço para se compreender e ir além dos dilemas da filosofia moderna, dos autoritarismos nazifascista e socialista, das ilusões de um capitalismo puramente mercantil. Por isso, o tomismo é um caminho seguro para se recolocar a dignidade da pessoa humana como centro dos debates técnicos, científicos e sociais.

## Referências

- CAMPOS, Fernando Arruda. O tomismo de Jacques Maritain. In: CAMPOS, Fernando Arruda. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 94-119.
- CARRANZA, Ambrosio Romero. *Jacques Maritain: vida y obra del apóstol laico más grande del siglo XX*. In: MARITAIN, Jacques. *Jacques Maritain: obra maestra*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2004.
- CHENAUX, Philippe. Maritain al amanecer del tercer milênio. In: CHENAUX, Philippe. *Obras de Reconocimiento a Jacques Maritain*. Buenos Aires, 2001.
- CORREA, Ángel C. Presentación. In: MARITAIN, Jacques. *Lecturas escogidas de Maritain*, Ediciones Humanismo Integral, Ángel C. Correa (Editor), Madri, Año IX, n. 36, mayo, 2012.
- \_\_\_\_\_. Un Debate Tomista en Relación al Concilio Vaticano II. In: *Notes et Documents*, Roma, n. 15, Septiembre-Diciembre, 2009, p. 1-20.
- DELGADO, José Luiz Marques. Jacques Maritain e o tomismo no século XX. In: *Ágora Filosófica*, UNICAP, Recife, ano 5, n. 1, jan./jun., 2005, p. 55-70.
- GENTILE, Jorge Horacio. Introducción. GENTILE, Jorge Horacio. En *Balance a los 60 años de la Declaración Universal de los Derechos Humanos. Según el pensamiento de Jacques Maritain*. Córdoba, Argentina: Alveroni Ediciones, 2010.

- GUIMARÃES, Antônio Márcio da Cunha; ABDULMASSIH, Thiago Brazolin. A influência da obra de Jacques Maritain na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH – Nações Unidas). In: SANTOS, Ivaldo; GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo; LACERDA, Luana Pereira (Orgs.). *Direito e fraternidade: ensaios em homenagem ao Dr. Lafayette Pozzoli*. Curitiba: Crv, 2018, p. 89-96.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Tributo de João Paulo II à Jacques Maritain*. Castel Gandolfo, 15 de Agosto de 1982.
- LELOTTE, F. *Convertidos do século XX*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- MARITAIN, Jacques. Confesión de Fe. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2000a, p. 1-16.
- \_\_\_\_\_. El humanismo existencial de Santo Tomás de Aquino. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2003b, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de filosofia: introdução geral à filosofia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956.
- \_\_\_\_\_. Ensayo sobre filosofía cristiana. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2000b, p. 1-34.
- \_\_\_\_\_. Jacques Maritain embajador de Francia ante el Vaticano. Discursos de Maritain y de SS Pío XII en la presentación de Cartas Credenciales, 10 de Mayo de 1945. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2001b, p. 1-8.
- \_\_\_\_\_. La Iglesia Católica y el progreso social. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2001a, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. Los Círculos de Estudios Tomistas (1919-1939). In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2004, p. 1-34.
- \_\_\_\_\_. *Humanismo integral*. 4 ed. São Paulo: Dominus, 1962.
- \_\_\_\_\_. Prólogo al libro de Henri Bars. BARS, Henri. *La política según Maritain*. Barcelona: Editorial Nova Terra, 1963.
- \_\_\_\_\_. Santo Tomás de Aquino y el problema del mal. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2002b, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. Santo Tomás de Aquino: el sabio arquitecto. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2002c, p. 1-22.
- \_\_\_\_\_. Santo Tomás y la persona humana. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2003a, p. 1-9.
- \_\_\_\_\_. Santo Tomás, apóstol de los tiempos modernos. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2002a, p. 1-26.
- \_\_\_\_\_. Visión tomista de la educación. In: MARITAIN, Jacques. *Obras Breves de Jacques Maritain*. Buenos Aires: Instituto Jacques Maritain, 2006, p. 1-26.
- MARITAIN, Raissa. *As grandes amizades*. 7 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

- MARTÍNEZ PAZ, Fernando. *Maritain, política e ideologia: revolução cristiana en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Nahuel, 1966.
- PAULO VI, Papa. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. Santa Sé, Roma, 7 de dezembro de 1965.
- POISSON, Jorge M. Hourton. Jacques Maritain em el tomismo contemporâneo. In: *Política y Espirito*, Santiago del Chile, n. 277, 1962, p. 1-8.
- POZZOLI, Lafayette. Maritain e a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. In: POZZOLI, Lafayette. *Maritain e o direito*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 123-132.
- POZZOLI, Lafayette; LACERDA, Luana Pereira. Declaração Universal dos Direitos Humanos: a visão de Jacques Maritain. In: *Revista Brasileira de Filosofia do Direito*, Maranhão, v. 3, n. 2, jul./dez., 2017, p. 91-109.
- QUEIROZ, Álvaro. *Jacques Maritain e o Humanismo Integral*, abr. 2011. Disponível em: <https://culturageralsaiabamais.wordpress.com/2011/04/28/jacques-maritain-e-o-humanismo-integral/>. Acesso em: 27 de abril de 2018.
- RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SANTOS, Ivanaldo. Jacques Maritain, o humanismo integral e a crise da cidadania. In: *Aporia Jurídica*, v. 1, p. 61-71, 2016b.
- \_\_\_\_\_. O humanismo integral de Jacques Maritain e os desafios da educação para a valorização da vida. In: *Anais do III Congresso Latino-Americano Jacques Maritain*, São Paulo, PUC-SP, 2016c.
- \_\_\_\_\_. *Tomás de Aquino na aplicação do Concílio Vaticano II: entre Paulo VI e Bento XVI*. São Paulo: Instituto Jacques Maritain, 2017.
- \_\_\_\_\_. Tomás de Aquino nos bastidores do Concílio Vaticano II. In: *Aquinate*, Niterói, n. 30, 2016a, p. 3-31.
- SANTOS, Ivanaldo; POZZOLI, Lafayette. O direito participativo e as manifestações populares: entre a dignidade humana e o humanismo integral. In: *Ánima*, Revista Eletrônica do Curso de Direito Opet, On-Line, Bauru, Ano VIII, n. 16, jul.dez., 2017.
- SOUZA, Ricardo Timm. *Razões plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX*. Porto Alegre: Edpuhrs, 2004.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. Porque ler Maritain, hoje. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 de setembro de 1980.
- ZANOTTI, Gabriel J. Jacques Maritain: su pensamiento político y su relevancia actual. In: *Revista de Instituciones, Ideas y Mercados*, Madrid, n. 57, Octubre, 2012, p. 115-139.